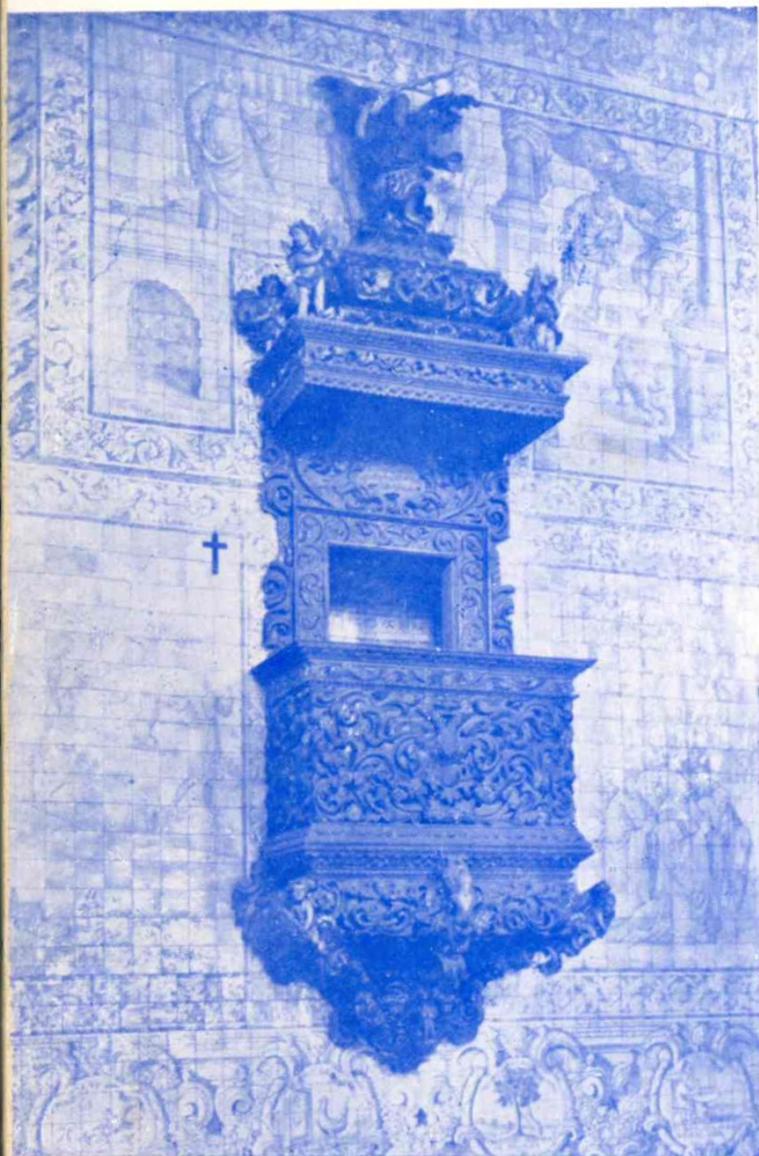


MONS. ALBERTO DA ROCHA MARTINS



5

SERMÕES



— 1982 —

NOTA BIO-BIBLIOGRÁFICA DO AUTOR

Alberto da Rocha Martins nasceu em Semelhe-Braga em 8/7/17.

Frequentou os Seminários de Braga, onde se distinguiu.

Em 1941 foi nomeado Prior de S. Martinho de Dume, onde se conservou até 1948, data em que se deslocou para Barcelos. Foi professor em Colégios de Braga.

Em Barcelos, foi director, durante vários anos, de JORNAL DE BARCELOS, tendo colaborado em vários jornais, como Diário do Minho, Correio do Minho, Debate, Diário Ilustrado, Diário de Notícias, Póvoa de Lanhoso, Notícias de Guimarães, Barcelense, etc.

Em Barcelos, desempenhou funções de Capelão do Senhor da Cruz, professor do Externato Alcaides de Faria, Externato D. António Barroso, Colégio do Coração de Jesus e D. Nuno, na Póvoa de Varzim.

Em 1968, por morte de seu irmão P.^o Alfredo Martins da Rocha, foi nomeado Prior de Barcelos, sendo, em 1979, por D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo Primaz, elevado à dignidade de Dom Prior de Barcelos. Sua Santidade o Papa João Paulo II elevou-o à dignidade de Monsenhor. Em so-

SERMÕES

Composto e impresso em Março de 1982 nas oficinas
gráficas da Companhia Editora do Minho — Barcelos

MONS. ALBERTO DA ROCHA MARTINS

5

SERMÕES



*Barcelos
Perm.*

— 1982 —

O Autor, sacerdote católico, sujeitou este livro à aprovação
da Autoridade Eclesiástica



MONS. ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Dom Prior de Barcelos

A Oratória ao longo dos tempos...

O homem é um ser capaz de se entusiasmar e viver com emoção os grandes ideais, comovendo-se, até às lágrimas, perante os grandes heróis e os acontecimentos inesquecíveis. É capaz de se apaixonar diante de um herói, consagrá-lo, e perenizá-lo através da palavra empolgante e sugestiva.

Podemos dizer, de certo modo, que a oratória nasce com o homem. Logo que o homem surgiu no mundo logo assomou, também, a eloquência, o gosto do sublime, o desejo de se extasiar perante os assombros da natureza. O orador surge diante dos acontecimentos assombrosos como um iluminado a cantar, em todos os tons, as grandezas do Universo. A palavra, o tom de voz, o gesto, o circunstancialismo externo, tudo lhe serve para, em verdadeiro êxtase, cantar os fulgores das coisas.

A verdadeira oratória, falada e escrita, podemos dizer, que nasceu na Grécia, onde grandes oradores exemplificaram este maravilhoso e difícil género literário. Péricles, Antífote, Lisias, Isócrates e, sobretudo Demóstenes, são, na Grécia, os maiores representantes da arte de dizer. Ao lado dos grandes oradores que eram, ao mesmo tempo, autores

dos seus discursos, aparecem os logógrafos que se dedicavam a preparar e escrever os discursos que outros profeririam em circunstâncias especiais. Esta modalidade oratória, como é óbvio, perde o mérito por ser obra de dois: o autor e o prolator.

A Grécia e Roma são as madres da cultura, não admirando, por isso, que aí florissem os géneros literários que, depois, se espalharam por toda a parte. Evidentemente que não vamos discorrer ao longo do tempo, apresentando quantos cultivaram a oratória (não é esse o nosso objectivo) mas tão-somente citar um ou outro nome que mais se tenha salientado, deixando aos eruditos e curiosos o encargo de aprofundar e explanar um assunto tão sugestivo e aliciante. Não se poderão esquecer os nomes de Sulpício Galba, os famosos Tibério e Caio Graco, M. António, Licínio Crasso, Horténsio e, maior do que todos, Cícero. Grandes peças literárias, gregas e latinas, são, ainda hoje, e sê-lo-ão para sempre, verdadeiros modelos da difficilima arte de dizer.

Portugal, com o seu subjectivismo imprescindível, bebeu a sua cultura nestas fontes. Por isso, os grandes oradores portugueses, se orgulham de mergulhar o espírito nesse mar fertilizante da Literatura Grega e Romana. Desde a lógica das ideias à beleza e aticismo da palavra, tudo é paradigma duma arte tão complicada e que, como a poesia, exige intuição e vocação. Para ser logógrafo não é necessário ser orador. Para ser orador, no pleno sentido do termo, exige-se que não só profira, com assombro dos ouvintes, mas que crie o seu discurso.

Só a quem cumpra estas duas exigências, daremos o nome de orador.

Portugal teve grandes oradores. Muitos ficaram no esquecimento, por se terem perdido as suas produções literárias, nunca editadas. Outros, agora lembrados, deixaram escritos alguns discursos e sermões, e, por isso, entraram nas páginas da Literatura. Não se esqueça, no entanto, que um discurso, e muito mais um sermão, lidos e analisados por estranhos, não têm, nunca terão o valor, a transcendência que tinham quando ditos ou proferidos pelo próprio autor. Um sermão, feito num ambiente propício — o Templo —, em circunstâncias especiais, num tom de voz adequada ao momento, com gestos que espontaneamente se ajustam ao discurso (aqui tomamos o termo no seu sentido primitivo) nunca poderá ser entendido completamente fora destas realidades. Ler um sermão será o mesmo que contemplar um cadáver, recordando o ser vivo que foi... Na verdade, quando se lê um trabalho desta natureza, depois de o ter ouvido proferir pelo autor, sente-se sempre uma certa frustração. Aquele entusiasmo que nos dominou ao ouvirmos o orador perdeu-se, caindo como folha amarelecida da árvore, no Outono... O orador, na tribuna ou no púlpito, é uma realidade empolgante, dominadora, impressionante... As suas palavras não têm apenas brilho, mas são acalentadoras... O seu gesto, acomodado e digno, é, do mesmo modo, comunicativo, dando a impressão de que é veículo de ideias e sentimentos. A sua voz, ora modelada e serena, ora entusiástica e comovente, penetra na alma, entra nos corações, invade a sensibilidade dos

ouvintes. A sua postura, a sua fisionomia, o seu todo, enchem de sublime o ambiente, dominando o olhar dos ouvintes que ficam, desde logo, presos do homem raro, tocado de fulgores quase divinos. Ele olha, fala, convence, sensibiliza e domina. A oratória, quando realizada plenamente, não se fica apenas pela terra... entra nas camadas superiores do celeste...

Um sermão que se ouve e um sermão que se lê são duas realidades quase diferentes... Ouvir um sermão é partilhar uma realidade empolgante e rica. Lê-lo é saborear uma realidade simplesmente bela... Que seria ouvir o Padre António Vieira, ouvir Alves Mendes, ouvir Alves Mateus, ouvir Correia Pinto, ouvir António Cândido, etc., etc., etc.!

Ao publicar estes sermões, nesta época em que semelhante oratória está ultrapassada, pode parecer uma temeridade. De facto, hoje, ninguém, nem o autor, enveredaria por semelhante caminho. Não por o considerar errado, não por lhe não reconhecer virtudes, não por lhe negar beleza, arte, fulgor. Não iria por esse caminho exactamente porque a época é outra, com outros gostos, com outros padrões, com outros métodos... A mesma verdade eterna pode ser comunicada com outras roupagens, menos ricas talvez, mais convincentes. Cada tempo tem o seu estilo... O autor, ao dar à estampa estes sermões, tem em vista, apenas, dar exemplo do que foi a corrente concionatória nesse tempo, herdeira, aliás, da oratória exuberante e rítmica do século dezanove. Muitos certamente opinarão que melhor seria deixar no esquecimento essas páginas, amarelecidas com o dobrar dos tempos. É uma opinião respeitável mas a que o autor, por

motivos seus, não deseja corresponder. Entende que, embora sem brilho, e muito especialmente despidas daquele aparato externo que tiveram quando proferidas nos púlpitos, estas páginas são retalhos d'alma, pedaços do coração que o esquecimento não tem o direito de delir para sempre... Por isso, correndo muitos riscos, se resolveu a publicá-las, não receando nem a crítica severa nem os zoilos que tudo deprimem sem nada construir...

Gostaria, no entanto, convencer os meus possíveis leitores que, ao publicar estes sermões, não sou movido nem por interesses materiais nem por vaidades que só a juventude inexperiente e ávida justificariam. O autor já entrou, bem marcado pelo tempo, numa época da sua existência em que o realismo áspero e dilacerante supera a ilusão fagueira e dulcificante... Por isso, a publicação desta obra, podendo ser útil a alguém, é um testemunho duma época e duma corrente. Aí fica, sem ambições inconfessáveis, a demonstrar sinceridade, um trabalho que se fez amorosamente e que, numa luta pela vida, o autor não consentiu ser votado ao ostracismo...

BARCELOS, QUINTA-FEIRA SANTA, 8 DE ABRIL DE 1982

MONS. ALBERTO DA ROCHA MARTINS

SERMÃO DAS SETE PALAVRAS

(Proferido em Braga, no Largo do Paço,
perante o Arcebispo Primaz D. Francisco
Maria da Silva)

É Deus quem nos dá a Cruz... mas é a Cruz quem nos dá a Deus!

Por isso, Cristo aceitou a Cruz e aceitou ser crucificado. Uma vez ali, naquele monte do Calvário, já habituado às contorções, gemidos e angústias dos condenados, ali, onde tem lugar o drama sangrento que teve o seu princípio causal nas loucuras do «paraíso», Cristo, entre o Céu e a Terra, *falou* eloquentemente nas horas longas de *silêncio* amargurado, de resignação humilde, de entrega generosa e total a Deus. Ali, no Calvário, escreve a lição mais sublime e imperecível para todos os homens, em silêncio, proclama a verdadeira lição da vida, a verdadeira lição do amor, o compêndio magistral para todos os filhos de Deus.

Os homens, aturdidos e perturbados, não o quiseram entender. Os silêncios de Cristo, que são *luz* e *verbo*, não penetraram o homem...

E Cristo falou.

A Cruz, sobranceira a todas as paixões e caprichos, transformou-se, agora, em Púlpito. As pala-

avras de Cristo tinham ressoado nos silêncios nocturnos de Belém; nos enlevos dulcificantes de Nazaré; nos amargores do exílio; nas horas de triunfo e apaixonantes da Palestina. A sua palavra — *palavra de vida eterna* — foi ouvida ao som lamuriento das brisas e ao embalo doce e melancólico do mar de Tiberíades...

Cristo falou! Parecia que *tudo* estava dito. Parecia que *nada* mais era necessário dizer!

Entretanto, aproximam-se as horas da agonia... Cristo está na Cruz.

É a sua última lição... É o seu Testamento de amor... É a sua derradeira advertência...

Sete Palavras... *Sete* sacramentos contra os *sete* pecados mortais da Humanidade... *Sete* estrelas lucilantes no firmamento entenebrecido dos homens ...

Cristo vai falar para todos. Palavras amorosas, palavras de redenção.

Vinde, vinde, vinde! Ouvi-O!

PRIMEIRA PALAVRA

PATER DIMITTE ILLIS; NON ENIM
SCIUNT QUID FACIUNT.

S. Lucas, XXIII — 34

PAI, PERDOAI-LHES...

Como programa único de salvação, sem os limites do tempo e do espaço, ouviram-se um dia, no mundo, estas palavras de Cristo: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!»

E, quem atentamente surpreender os passos de Cristo, desde o alvorecer de Belém, através dos caminhos da Palestina, até ao cimo do Calvário, verifica que, na verdade, Ele é Caminho, Verdade e Vida.

Diante d'Ele, nesta hora de infundo sofrimento, em que no Seu coração se misturam todos os amargores da incompreensão, da perseguição e da ingratidão, Cristo é Caminho de Verdade pedindo ao Eterno Pai o perdão para os seus inimigos. PAI PERDOAI-LHES...

O mundo não andava habituado a gestos desta natureza.

José perdoara a maldade de seus irmãos... mas o mundo consagrava a lei da vingança: «dente por dente e olho por olho»...

Cristo, porém, nunca se cansou de doutrinar o perdão como elemento essencial da Vida Cristã.

Amarás a Deus e amarás o teu próximo como a ti mesmo... perdoa aos teus inimigos... e se tiveres algum ressentimento contra o teu irmão, vai, antes de ofereceres a Deus o teu dom, vai reconciliar-te com ele.

Cristo evangelizara o perdão... Perdoa à Samaritana... à Adúltera... a Pedro... à Madalena... ao bom ladrão...

E, nesta hora suprema, de uma forma eloquentemente impressionante, ratifica a sua doutrina, perdando e pedindo ao Pai que perdoe também:

«Pai, ó meu Pai, perdoai-lhes... porque não sabem o que fazem»...

Palavra-sacramento, esta primeira palavra de Cristo... É o *sacramento* do perdão para o pecado do ódio...

Ó mundo dos nossos dias... cheio de ódios, de injustiças, de vinganças. Ó mundo banhado de sangue inocente, batido de todos os ventos da angústia e da aflição... abre os ouvidos e escuta a palavra doce e carinhosa do perdão!...

Pai, perdoa ao teu filho... Marido, perdoa à tua Mulher... Esposa, perdoa ao teu marido... Patrão, perdoa ao operário... operários, perdoai, também, aos vossos patrões... Sacerdotes, perdoai-vos e perdoai...

SEGUNDA PALAVRA

HODIE MECUM ERIS IN PARADISO...

S. Lucas, XXIII — 42

ESTARÁS COMIGO NO PARAÍSO

Há dois caminhos que conduzem a Deus: a *inocência... e a penitência...*

Pela inocência... o homem é um reflexo divino... pela penitência o homem é reflexo de Cristo Crucificado...

O Penitente, qualquer que seja o nome ou as circunstâncias da sua vida, é sempre, na terra, uma projecção de Cristo Crucificado. Abrindo os braços, o homem projecta no espaço uma cruz. Ela o acompanhará sempre até ao fim dos seus dias. O termo desses dias será o Calvário. *Ali*, também o homem será levantado na sua própria cruz. *Ali*, quando chegar essa hora, todos compreenderão nitidamente o sentido perturbante desta hora de Cristo. Também Ele, a Quem acusaram de conviver com os pecadores, morre entre criminosos e ladrões...

Há ali, à direita de Cristo, um ladrão, que ainda há momentos, contorcendo-se com dores, praguejava e blasfemava... e agora se arrepende... Oh, como é grande a misericórdia divina... quando o homem sabe colaborar!...

Ó mundo materializado, corroído de vícios, esmagado pelos crimes, sobe a este Calvário, repara neste acontecimento, escuta esta segunda palavra de Cristo, dita carinhosamente ao ladrão arrependido: *Hodie... Dimas* entra no Céu com Jesus...

Toda a oração sincera, que se eleva da terra, obtém uma resposta do Céu.

Lembra-te de mim... suplicou o ladrão e logo a resposta ... Hoje! Hoje mesmo estarás comigo! ...

Foi preciso a este ladrão subir à *Cruz* para subir ao *Céu*...

Oh! que lição, meu Deus, para todos os que peregrinam neste mundo!... ó ricos do mundo!... ó poderosos da terra!... ó comodistas do universo!...

Só a *Cruz* — a *Cruz de Cristo* — leva ao Céu!

Com escândalo para o seu tempo e com escândalo, ainda, para o nosso tempo, Jesus afirmou aos fariseus de todas as épocas: «Em verdade vos digo: as mulheres perdidas entrarão no Reino de Deus, antes de vós» Mt. 21-23.

Ai dos que estão *contentes* com o seu *comodismo* e *sensualidades*... Só os *insatisfeitos* procuram a Deus!...

O Filho Pródigo só veio... quando começou a sentir a fome. Do corpo?

Muito mais fome do coração!... Os homens virão a Deus, não por serem bons a seu modo... mas por se reconhecerem maus!...

Nietesche defendeu que o homem passaria de Cristo para Anti-Cristo.

Profetizou a condenação. Outro escritor Dostoievski, por seu lado, advogou que o homem passaria do Anti-Cristo... para Cristo.

O exemplo de Dimas e de milhões de Dimas, no tempo e no espaço, são seguro argumento da tese de Dostoievski.

Há uma legião incontável de sofredores, de oprimidos, pelos tiranos e tiranetas... pelos que *podem* e pelos que *mandam*... O mal estar aumenta no mundo pela acção deletérea dos que *abusam* do poder na sociedade, na Igreja, na Escola, na oficina, na rua, nos campos, nas cidades e nas aldeias... O poder, como as riquezas e os prazeres, corrompem os homens e tanto mais quanto se tornam absolutos e dominadores... O mal do mundo hoje não é o Mal... é não reconhecer o mal... O bom ladrão salvou-se porque o reconheceu. O mundo pretende não acreditar no pecado!...

Reconheçamos, irmãos, humilde e verdadeiramente, que todos somos ladrões, pelo menos da gló-

ria de Deus. E peçamos ao Senhor que nos coloque na Cruz à sua direita, nessa cruz de *arrependimento* e *contrição*, para ouvirmos, do mesmo modo, esta segunda palavra: *Hodie... Hoje...* estarás comigo no Paraíso.

TERCEIRA PALAVRA

ECCE MATER TUA ...

S. João, XIX — 27

EIS A TUA MÃE ...

Três olhares de Cristo! Olhar de confiança! Olhar de perdão! Olhar de amor!

Olhou para o Céu e disse: «Pai, perdoai-lhes». No Céu brilhava o tesouro do Amor. Era o Pai ofendido pelos pecados dos homens. Pai, perdoai-lhes.

Foi o primeiro olhar de Jesus... um olhar de inteira confiança no Pai.

Olhou para o lado... Ouvia gemidos de angústia, gritos de desespero, imprecações e blasfêmias... Ali, porém, ao lado da cruz do desespero estava a cruz do arrependimento. Era o bom ladrão: Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso...

Foi o segundo olhar de Jesus... um olhar de compaixão e de perdão.

Olhou para a Terra... e ali, enrodilhada na sua dor, de pé e firme como estátua do túmulo, triste e

dolorida como goivo do cemitério, destroçada e meiga como violeta dos campos, estava a Mãe. O terceiro olhar de Jesus é um olhar de amor. Olhar que se embaciou e no seu coração de filho refluíram, em turbilhão, todos os sentimentos da ternura, da compaixão e do amor.

Ela, a Mãe solícita e dolorida, estivera sempre ao seu lado. Em Belém, naquelas horas de enlevo... em Nazaré, numa vida de ansiedade ... na Palestina— em todas as peregrinações de apostolado e de milagre...

Nesta hora suprema de dor, também ali está... também ali ficará...

Mulier ecce filius tuus!

Disse-o Pascal: «*Só vê bem quem vê amorosamente*». Cristo olha para o Mundo e do alto da Cruz vê os que choram... os que sofrem perseguições... os que têm fome... os desprovidos de todo o conforto, os torturados do corpo e da alma... os encarcerados... os que estão reduzidos ao silêncio... Vê-os... mas vê-os amorosamente!...

Cristo sabe como ninguém quanto significa a presença de uma Mãe na vida do homem. Que o digam todos aqueles que vivem alanceados pela amargura da orfandade!...

É por isso que nas alturas incómodas da Cruz nos oferece, com ternura, com generosidade, a sua própria Mãe. Ecce Mater tua...

Aí tendes, para vós, o maior tesouro que tive na Terra! Aí tendes a vossa Mãe! Aí tendes a expressão mais sublime do amor!

Quem poderá queixar-se do negrume da vida? Quem poderá dizer, com verdade, que na sua vida deixara de cintilar a estrela cariciosa da esperança? Quando na vida podemos pronunciar este dulcíssimo nome de Mãe encontramos felicidade, encontramos alegria, encontramos salvação.

É amor que não cansa... é amor que não mente... é amor que não morre.

Que maravilhosa epopeia o amor das Mães!

Cristo dá-nos, a mim e a vós que somos órfãos, a melhor e mais santa das Mães. A todos os homens, Cristo oferece a sua própria Mãe.

Foi assim, de amor e de infinita ternura, a sua terceira palavra na Cruz!

Ecce Mater Tua... Eis aí a tua Mãe!

QUARTA PALAVRA

DEUS MEUS, DEUS MEUS, UT QUID
DERELIQUISTI ME

S. Mateus, XXVII — 46

MEU DEUS, MEU DEUS, PORQUE
ME ABANDONASTE ?

O cenário é o mesmo. Desolação... abandono... tristeza...

O tempo, sempre vertiginoso e *rápido*, é agora impressionantemente *lento*, triste e martirizante. Jesus está na Cruz em agonia, batido por uma viração enervante...

Até este momento, nunca sentiu a falta de Deus, que sempre o consolou. Agora, sente-se sozinho... Sozinho? Não! Com ele a Humanidade pecadora!...

Com Ele todos os pecados e crimes do homem! Ele é, neste momento, perante Deus, a personificação do Pecado, do Crime, da Maldade. Deus não pode estar com Ele porque não pode estar com o Pecado, nem com o Crime, nem com a Maldade...

Por isso, naquele descampado de dor e soledade, ouviu-se, entercortada e amarga, a quarta palavra de Cristo: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?!»...

Quem poderá avaliar o mar de amargura, de fel, que se encerra neste desabafo de Cristo? Quantos aí que têm sentido o desamparo na vida... quando mais precisavam de compreensão, de ajuda e de amor, tudo lhes falhou!...

Todos os abandonaram!... Cristo sente-se abandonado de todos. Será um grito de *desespero*? De modo nenhum... É antes um *desabafo* amargo, triste, dolorido!

Haverá nisto uma *lição*? Sem dúvida. Todos temos a aprender aqui. Horas de abandono, de secura, de aridez, de desalento, de fel, de perseguição, de injustiça, de ingratidão...

Jesus no Calvário é, perante Deus, oficialmente, o Pecador. Que é o pecado senão o afastamento de Deus? Por isso se sente abandonado de Deus.

Nisto o acúmen da sua dor, do seu sofrimento, da sua infinita desolação.

Ó Pecadores, é para vós esta palavra!

Por vós, por mim, por ti, meu irmão, por todos vós que me ouvis e por quantos se encontram dispersos pelo mundo, Cristo sentiu e sofreu o abandono, a solidão, o esquecimento. Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste!

*É um grito de desolação. É uma pergunta sem resposta.
É o mistério de Cristo Redentor!*

Era preciso para a salvação humana este momento angustiante da Cruz.

Foi assim a quarta palavra de Jesus.

QUINTA PALAVRA

SITIO ... EU TENHO SEDE! ...

S. João, XIX — 28

Esta hora é de trevas... uma penumbra dolorida envolve o Calvário... Uma solidão amarga, torturante, avassala os seres e as coisas... Ouve-se, vagamente no espaço, esta confissão dolorosa: Sitio... Tenho sede...

Depois de um combate, sob as ardências calcinantes do Sol, uma sede ardente tortura-nos!... Depois de um esforço físico ou moral, sentimos a consumição da sede... Sentem-na os soldados que generosamente combatem... Cristo trava, no alto da Cruz, batido por todos os ventos, o combate mais terrível, mais doloroso, mais trágico... Tenho sede...

Ele disse um dia: «se alguém tem sede venha a mim». Ele é, pois, a fonte? Como tem sede neste momento? É, na verdade, uma sede física, provocada pelo desgaste, pela perda de sangue, pela angústia...

Tem sede. Tormento horrível a que Cristo — o Homem-Deus se quis sujeitar. Nesta sede do Senhor está a *sede* e a *fome* de todos os homens. Milhões de seres humanos que morrem de *fome* e de *sede*... tornam mais dura a *sede* de Cristo no Calvário!

Mas para além desta *sede* física há uma *sede* ardentíssima de carácter moral. É a *sede* de que os homens se salvem. É a amargura escaldante dos desvios da Humanidade e da perversão de tantas almas. Saber que se sofre... saber que se ama... e saber que se morre, estorcendo-se nos braços duma cruz, é tormento sem nome sobretudo quando se reconhece a inutilidade em relação àqueles por quem se dá generosamente a vida.

Esta a razão profunda da sede dilacerante de Cristo!

Como esta *sede* de Cristo contrasta com a *sede* dos homens.

Sede de ambição... *sede* de prazer... de carne... de riquezas... de glórias... de triunfos, tantas vezes à custa da injustiça... Por toda a parte fumegam, rebrihantes os turíbulos da adulação... por toda a parte acariciam os ouvidos as palavras blandiciosas do elogio e da glorificação... por toda a parte as homenagens que duram um momento fugaz e logo se perdem, enchendo, no entanto, os homens de orgulho e de soberba, dando-lhes a impressão de que são autênticas divindades...

Esta, Senhores, a *sede* do Mundo... Tão diferente da *sede* de Cristo.

Eu tenho sede... eu tenho sede... eu tenho sede...

Cristãos e meus queridos irmãos, matem os a sede de Cristo, não com o vinagre da amargura, mas com o nosso amor, o nosso arrependimento, a nossa total e definitiva conversão a Deus...

Respondamos assim, com generosidade, à quinta palavra de Cristo...

SEXTA PALAVRA

CONSUMATUM EST

S. João, XIX — 30

TUDO ESTÁ CONSUMADO

S. Paulo, numa imagem realista, definiu a vida do homem sobre a terra como sendo um *combate*. E, na verdade, para quem reflectir atentamente no que tem sido a sua vida neste mundo, nada mais real do que luta e luta, por vezes, titânica. O homem entra na arena que é o mundo, combate esforçadamente, e, depois, recebe a coroa da glória.

No alto da Cruz, dominando os horizontes do tempo e os sem-horizontes da Eternidade, Cristo profere, para o mundo e para a História, a palavra que é grito de triunfo: *Consumatum est... Tudo... tudo está consumado!...* A minha tarefa está cumprida. Vim para fazer a Vontade de Deus... Deus está agora comigo!...

Ao terminar um célebre discurso, afirmou alguém: «não me preocupo de saber se Deus está do meu lado. Só me interessa que na hora derradeira eu esteja do lado de Deus...».

Nesta hora suprema... Cristo está do lado de Deus! Fez no mundo a Vontade do Pai! Encarnou... nasceu em Belém— exilou-se... trabalhou em Nazaré... Consumatum est! Pregou na Palestina... no mar, no monte, nas ruas... em toda a parte... Consumatum est! Foi traído... escarnecido... pregado na Cruz... Consumatum est!... Que lição luminosa e reconfortante emana dessa Cruz de Cristo!... Para mim, que sou sacerdote, para vós, qualquer que seja o vosso nome. Aquele derradeiro momento... Consumatum... Quer queiramos quer não, ele virá para nós!... Nessa hora, surgirão todas as coisas... as nossas coisas, agradáveis ou desagradáveis... negócios... vaidades... injustiças... A vida inteira está ali!...

Como responderemos à Sexta Palavra de Cristo?!...

Senhor, que apertas nas mãos, num último arranco, os cravos que Te prenderam na Cruz, permiti que todos nós possamos dizer também e com verdade no fim da nossa vida... Consumatum est... Tudo, tudo está consumado!... Tudo, tudo está cumprido!...

SÉTIMA PALAVRA

PATER IN MANUS TUAS
COMMENDO SPIRITUM MEUM

S. Lucas, XXIII — 46

NAS TUAS MÃOS, PAI,
ENTREGO A MINHA ALMA...

Estava concluída a sua missão na Terra. A Sua vida tivera, humanamente, um sentido ascensional. Atingiu o auge da beleza e do sacrifício.

Aquela Cruz de suplício — agora leito de morte — é a expressão maior do amor generoso de quem podia agora dizer: «Pai, tudo está consumado. Posso descansar... posso dormir serenamente no teu regaço...»

Eram três horas da tarde de Sexta-feira Santa! O mundo, perturbado, deu sinais estranhos, nunca vistos nem ouvidos, no momento em que Cristo expirou.

O Sol dardejante tornou-se repentinamente escuro; a Terra cambaleou em seus fundamentos; o véu do Templo rasgou-se de meio a meio...

Perante este espectáculo, nunca visto, tético, doloroso, ouviu-se a palavra do Centurião: «*verdadeiramente, este, era o Filho de Deus!*»

Que enorme lição nos dá Cristo nos derradeiros momentos! É a última palavra, Pai nas tuas mãos, o meu Espírito... *Ensinou-nos a viver... Ensina-nos agora a morrer... Ensina-nos a confiança total na Divina Providência... a submissão absoluta ao Pai!...*

O Pai pedira *Tudo* ao Filho... O Filho *Tudo* lhe dera...

Como procedemos nós... Como procede o Mundo...

Reparemos, piedosamente, para este Calvário. Olhemos, bem de frente, aquela Cruz. Observemos amorosamente aquela vítima!

Ali estão esses olhos divinos com que olhou a Pedro... a pecadora... o bom ladrão... Ali, esses pés ensanguentados, que percorrem caminhos e praças à busca da ovelha perdida... Ali, as Mãos, que tantas bênçãos, ajudas, carícias e milagres, produziram... Ali os lábios, que pronunciaram palavras de vida eterna... e, na agonia do patíbulo, outra coisa não fizeram senão recordar-me, recordando *todos* os pecadores.

Aqui estás, Tu, Senhor, cara a cara, há pouco martirizado, transformado em chaga viva de dor e agora morto! Aqui estás, Senhor!...

E aqui estou eu... Pedro, que te neguei... Judas, que te vendi... Sacerdote, que te traí... soldado, que te abandonei... Juiz, que te condenei... verdugo,

que te matei... Aqui, Senhor, aqui, confundido, estou eu!

Foi preciso esta hora do Calvário para que nos encontrássemos, Senhor...

Tu pensavas em mim, desde toda a eternidade; pensavas na minha vida, efémera e passageira, semelhante à flor humilde dos campos que o vento esfacela e os raios do Sol queimam; pensavas em mim, Senhor, e aqui estou... humilhado, envergonhado, confundido... Farrapo humano que agora toma consciência de que é comparsa da tua Morte. Perdoai-me, Senhor...

Morrestes, ó Cristo, morrestes verdadeiramente, mas voluntariamente, por mim e por todos os homens...

*

* *

E reparo, de novo, que aos pés da Cruz está a Mãe! É a Corredentora!

Não, Tu, ó Mãe, não estás ao pé da Cruz... Tu estás na Cruz... Tu estás crucificada... Não é possível que a Mãe assista apenas ao martírio do Filho. Ela é martirizada... Carne da Sua carne... Sangue do Seu sangue... Vida da Sua vida... Quem lhe dera ter morrido com o Filho... Teria terminado o seu Calvário! Mas não. Fica, fica ali para ser Mãe das Dores e nossa Mãe!

Diante deste quadro de martírio e morte, só nos resta cair de joelhos, humilhados e contritos...

Perdão, Senhor!

Perdão, ó Mãe!

Sede connosco na vida... sede connosco na morte...
sede connosco no Céu!

**SERMÃO DE NOSSA SENHORA
DAS DORES**

(Proferido na Igreja dos Congregados do
Porto e de Braga)

VELUT MARE CONTRITIO TUA
TRENOS DO PROFETA JEREMIAS

A tua dor, ó Senhora, é semelhante ao Mar...

O sofrimento é uma realidade esmagadora.

Há mais de seis mil anos que o homem trabalha para fugir à dor.

A Ciência, subindo altaneira na realização quase divina de maravilhas, não consegue eliminar a dor.

Todos os tempos, todas as eras e todos os lugares da Terra viram o homem chorar, e, as lágrimas são ainda a herança mais segura que todo o homem que vem a este mundo há-de legar à sua posteridade.

Debruçados atentamente sobre o homem, prescrutando o mistério insondável da sua alma, ninguém, por mais inteligente, é capaz de sondar os golpes que o martirizam: são as incertezas em que se debate o espírito humano; são as dúvidas que torturam tragicamente a inteligência; é a honra transformada,

pelos caprichos da sorte ou pela maldade dos homens, em opróbrio e humilhação; são os sonhos doirados que construíram o edifício da nossa felicidade, mas, que o tempo vai fazendo ruir implacavelmente sob a crueldade da ingratidão e das desilusões; é o abandono, a solidão, a doença, a miséria... tantos aspectos arrepiantes do sofrimento humano.

Sofremos e sentimos em nós, dentro de nós, na nossa alma, a voz gritante da dor.

O sofrimento é asa que se comunica lugubrememente a todos os povos e sendo pão de cada dia é património de toda a Humanidade!

Sofrem os ricos em palácios doirados de felicidade... sofrem os pobres, na dureza de mansardas sem conforto; sofrem as criancinhas inocentes arrastadas cruelmente por caminhos eriçados de espinhos... sofrem, retalhadas no crisol da dor, tantas almas que escrevem a história da sua vida, em páginas negras, iluminadas apenas de lágrimas de pranto... E até parece sofrer, parece chorar a própria natureza transformada por vendavais de tempestade ou queimada nas ardências calcinantes do astro rei.

O mundo é, realmente, uma feira longa de sofrimentos...

E, numa hora em que a humanidade subindo gloriosamente nas asas leves do pensamento; iluminada pelos clarões aurifulgentes do génio e desumbrada por maravilhas da invenção e da ciência;

numa hora em que o homem procura fugir à dor, percorrendo longas distâncias, sulcando os mistérios do oceano, fugindo à terra até se esconder quase nas obras do firmamento; numa hora como esta, que devia ser de felicidade e ventura, estendemos magoadamente o nosso olhar pelo mundo e vêmo-lo transformado em labaredas de ódio e de vingança, afogado em ondas de sangue inocente e irmão, contorcendo-se dolorosamente nos braços do sofrimento.

Vêmo-lo, meus Senhores, ser o testemunho vivo e inequívoco da Dor.

Tanto sofrimento na Terra, tantas misérias, tanta desgraça...

Lágrimas, ansiedades, inquietações, misérias físicas e morais, eis o quadro dramaticamente sombrio dos infortúnios da Humanidade.

A dor é incêndio... lava por todo o mundo; *queima-o...* mas *ilumina-o*. E dessa labareda crepitante, que domina em todos os tempos a Humanidade inteira, nasceu o *drama do homem* e nasceu o *mistério divino*.

Dor, tu és o problema eterno, d'ontem, d'hoje e de sempre e admites no pensamento do homem duas soluções: ou *grito de desespero* ou *gemido de resignação*.

Colocado diante da imagem dolorosa da Santíssima Virgem — a Mulher mais extraordinária pelo seu sofrimento, eu leio no seu coração-livro de oiro

aberto ao mundo — o *drama que angustia e o mistério divino que assombra a Humanidade*.

É destes dois aspectos que o mais desluzido orador vem falar ao povo mais crente — o Povo de Braga.

Aqui encontro a mais luzida representação desta encantadora cidade; aqui, o que ela tem de mais augusto nos membros do seu clero, altamente representados por quantos me ouvem e esmaltam com sua presença esta solenidade; aqui, o que ela tem de mais ilustre, nas letras e nas artes; no direito e na medicina, na magistratura e na administração; aqui, altos mentores espirituais; aqui sua elegante e piedosa sociedade feminina. Aqui, presidindo e dando solenidade, V. Ex.^a Rev.^a Senhor Arcebispo Primaz D. António Bento Martins Júnior, e Vosso Auxiliar D. Francisco Maria da Silva.

É a este notabilíssimo auditório que eu ousou, nesta imponentíssima solenidade, proferir a minha sentida e sincera Oração à Dor.

Para o fazer suplico-Vos, Senhora, a vossa protecção maternal, e conto, senhores, com a vossa piedosa benevolência.

De todos os problemas que preocupam a inteligência humana, o sofrimento é, sem dúvida, o mais perturbante e misterioso.

A Ciência, apesar de todos os seus progressos, não conseguiu explicá-lo.

As correntes da filosofia, ao longo dos séculos, adensam, cada vez mais, esse mistério.

E até ao alvorecer do Cristianismo, a dor foi amaldiçoada pelo homem de todas as latitudes.

Só o Cristianismo abriu, sobre o problema do sofrimento, clareiras de luz e *quase* deu a explicação completa da dor.

Sofremos porque *Deus é justo!*

Sofremos porque *Deus é bom!*

Sofremos porque somos *limitados!*

A *justiça* não pode deixar de castigar o pecado. A tragédia de Cristo só tem explicação nos pecados da humanidade...

A bondade precisa, muitas vezes, de atear incêndios de destruição para iluminar caminhos desta vida em ordem à vida eterna... Assim, o homem conhecerá a Verdade!

O sofrimento é consequência lógica da nossa limitação. Só o facto de sermos limitados origina o nosso sofrimento. Nasce nas almas uma ausência de bem, de luz, de verdade...

E sempre que o homem não consegue totalmente os seus anelos é pungido pela inquietação que dá origem à amargura. Por isso Santo Agostinho, com toda a verdade, desabafava: «o meu coração viverá sempre inquieto enquanto não repousar em Deus». De facto, só em Deus encontramos a plenitude dos nossos anseios.

Por isso, nenhum povo escapou à dor... Nenhuma história se escreveu sem lágrimas...

É certo que o homem sofre mais do que *Deus quer* porque não sofre como *Deus quer*.

No horizonte entenebrecido da humanidade, entre a confusão estonteante do pensamento e sobre as ruínas apodrecidas do vício, como estrela em noite de escuridão, surgiu um homem estranho que, pelo fulgor da sua doutrina, a magia das suas palavras e o esplendor dos seus milagres, semeou de esperanças o firmamento negro da humanidade.

Foi Jesus Cristo!

Penetra todos os momentos reais do sofrimento humano, transfigura-os de tal sorte que a sombra torna-se luz, a tristeza consolação, a dor alegria e o desespero resignação.

Por sobre o panorama trágico da vida humana cintilam estrelas de luz cariciosa e suave a proclamarem em eterna sinfonia: *Beati qui lugent: Benaventurados os que choram nos caminhos desta vida; os que padecem perseguições, os humilhados pelas desditas da sorte ou pelo peso do sofrimento.*

E o homem, atónito e emocionado, olhou o mundo-catedral imensa onde há orações, salmos, harmonias, sacerdotes, povo sofredor, a imolarem-se resignadamente, na transfiguração eterna da dor.

E, por entre lágrimas, tracejou, sobre o leito da agonia, uma bênção de carinho, enquanto os lábios

humedecidos proclamavam: Bendita seja a dor! Bendito seja o sofrimento!

A dor é altar onde as almas se transfiguram!...

Os grandes génios da humanidade regaram de sangue a pedra sagrada do sofrimento.

E, assim, como duma noite orfã de luar surge um sol mais luminoso que nos acaricia, assim também, do caminho da dor, surge uma consciência mais pura e disputando brancura às neves da inocência, perante o olhar benigno do nosso Pai misericordioso.

A dor purifica e salva! As sementeiras do prazer desentranham-se em sofrimentos sem conta. Tinha razão alguém para escrever: «*o prazer não faz outra coisa senão chamar pela dor*»!

Ao altar da dor subiram, no decurso dos séculos, todos os dramas humanos. Uns, no sacrilégio do desespero, que os sepultou na ruína; outros, na santidade da renúncia que os elevou às culminâncias da glória.

Não se lê sem emoção, a obra dos maiores escritores e artistas. Quando há centelha, que facilmente se entrevê nos escritos, paira, finamente, uma angústia martirizante, a revelar com toda a plenitude da verdade, íntima insatisfação do ser humano, em permanente desejo de perfeição.

O que significa esta ansiedade, traduzida em lágrimas ou suspiros, imprecações ou desesperos, senão a asa leve e subtil da dor no seu eterno e universal domínio?

Antero de Quental, misto de brilhos e de trevas, é um símbolo, e fez da sua vida uma dolorosa peregrinação por todos os vergéis do pensamento e da beleza.

Alguma coisa o fascinava intimamente.

Num desejo irreprimível de concretizar seu pensamento, obnubila, se possível, os formalismos mais enfeitiçantes dos seus versos e as alegorias vívidas da sua prosa, para se dar, generosamente, a um convívio social de irmanação.

Porém, sua alma, tocada pela asa do génio, numa fadiga de esgotamento lírico, encosta-se a uma parede, onde luzia a palavra «esperança», e vestindo-se de luto, com uma pistola na mão, tragicamente põe fim a uma vida temporal. Neste gesto de loucura, de abandono e desespero, lê-se um aspecto do sofrimento.

Há uma tese, onde se misturaram os conceitos da filosofia germânica, numa superação do catolicismo bebido na infância e diluído na trajectória da vida, que explica a tragédia anterioriana.

É uma dor sem sentido de transfiguração, mas é, indubitavelmente, uma dor!

Ao lado destes dramas, quantos, conhecidos ou anónimos, martirizam a Humanidade: *os dramas da inteligência sem luz e os dramas do coração sem amparo.*

Mas, ao lado desses dramas que formam montanha, há um que se sobrepõe a todos. Para o compreender é preciso ter-se provado o fel do esquecimento

e do abandono, é preciso ter-se sentido as punhaladas da ingratidão, é preciso ter-se sofrido sanções da injustiça e da perseguição.

Esse drama extraordinário é o drama da Virgem... é o drama de MARIA.

Velut Mare...

Mas se a Virgem Santíssima foi imaculada e pura... mais pura do que a brancura da neve, mais linda do que a beleza, mais encantadora do que os fios do luar, mais transparente do que os raios do sol, como pôde sofrer?

Dizei-nos Senhor, porque consentiste que a Vossa Mãe fosse retalhada no cadinho do sofrimento?

Ecce Mater Tua...

Laconicamente, em hora extraordinária de solenidade, no cimo do Calvário, o Senhor em agonia, olhando-nos a todos, diz-nos esta palavra dulcificante: «Eis aí a tua Mãe.» Talvez esteja explicado o mistério do sofrimento de Maria...

Ela sofre porque é Mãe!

Anda na memória de todos a história dolorosamente trágica dum Rei que tudo quis sacrificar para servir o seu povo.

Porém, um dia, um dos seus inimigos cravou-lhe no coração uma espada e o Rei caiu por terra inanimado... Lá longe, num palácio distante, estava uma mulher que tinha no peito um coração de mãe.

A notícia corre célere e entra... enlutando o palá-

cio. A Mãe atormentada deixa a sua casa... desvairadamente corre esquecida da sua condição de rainha... Encontra o filho prostrado!... Aqueles olhos já não tinham brilho, aquele coração já não fremia de amor, aquele corpo já era cadáver... E a pobre mãe, mergulhada num mar sem praias de sofrimento, contempla-o, num olhar que a palavra humana não sabe descrever, e arranca do peito estas palavras: «*a tua bondade, meu filho, foi a causa da tua morte e a razão dos meus martírios*»!

Ó como esta palavra de amargura podia andar nos lábios da Virgem?!...

Ó como a sabem compreender, na plenitude do seu sentido, aquelas que são mães, tantas vezes atormentadas pelo tormento que doloriza os filhos!...

Maria sofreu, apesar de inocente, porque a dor é semelhante à águia que sobe às maiores alturas e daí escolhe na terra a presa mais inocente para dilacerar com suas garras aduncas.

Há lares, onde crepita a volúpia de prazeres criminosos, e só nos aparece estigmatizada pela dor a criancinha inocente. A dor, embora repudiada pelo homem, é sempre uma afirmação!

Para uns, é castigo... para outros, glória. Como o fogo que pode *destruir* o homem tem o poder de o *iluminar* e carinhosamente *aquecer*.

MARIA sofre porque ama o seu filho sofredor!...

Há uma história inefável entre o coração do filho

e o coração da mãe. Numa hora amarga de despedida, saudosa em que os braços fortes do filho nervosamente estreitam o coração já cansado da mãe, há lágrimas indiscretas a presidirem a uma cena de angústia; no coração da mãe que fica e no coração do filho que parte — *repartida e inteira* — fica a saudade, a nostalgia pungente de corações que se amaram.

E, quantas vezes, este amor, tão estranho e tão místico, escreve toda a sua grandeza na imobilidade da dor ou no silêncio do sepulcro!

Amor de Mãe... só o saberá compreender devidamente o coração que envolvido nos crepes negros do luto tiver de atravessar a multidão hilariante dos incrédulos e orvalhar de lágrimas de saudade a campa fria que lhe esconde os restos queridos de sua mãe.

Amor puro como não há outro na Terra... nós lêmo-lo nas lágrimas da orfandade, no luto dos desgraçados, na saudade dos que vivem longe, no heroísmo dos que se sacrificam em campos ardentes de batalha.

Amor que não mente, não cansa, nem nunca se cansa.

Maria Santíssima também teve um filho que era a sua esperança e o seu tormento, a sua alegria e a sua dor, a sua vida e a sua morte.

A história desse filho, moldada quase sempre na trama da intriga e do ódio, foi tecida dolorosamente

com os fios da dor que inseparavelmente ligaram o coração de Maria.

Não pode sofrer o filho sem que o coração da Mãe sofra duplamente!

Religiosamente comovidos meditemos o martírio dessa Mulher.

Houve uma espada empunhada, que os homens molharam no fel de todas as amarguras e cravaram no coração da Mãe de Jesus e, por isso, o Profeta — eco da palavra eterna de Deus — anunciou que aquele Menino seria um sinal de contradição no mundo.

Dos seus lábios, trémulos de comoção, saíra a palavra sublime e dolorosamente profética e que o tempo tornaria certeza aos olhos da História, mas que o amor logo tornou realidade no coração amantíssimo de Maria.

Esse canto de cisne ou elegia de moribundo, foi espada que penetrou o coração de Virgem para o acompanhar, num epitalâmio de angústia.

E irmanando-se fez-se carne da sua carne sofredora, alma da sua alma atormentada, vida da sua vida amargurada.

E, embora, o livro santo proclame, com a tradição, que foram sete as dores de Maria — tragicamente simbolizadas nas sete espadas — temos de aceitar que são, antes, sete colinas da montanha imensa do sofrimento da Virgem.

É o sofrimento de Jesus essa espada cruel a rasgar perenemente o coração de Maria!

Chamaram-Te, Senhora, bendita entre todas as mulheres da Terra; templo magnificante de Salomão, adornado exteriormente do mármore branco da pureza e interiormente do oiro fino do amor; chamaram-Te a Arca da Aliança que não contém, apenas, as tábuas da Lei, mas o próprio Autor da Lei; chamaram-Te o jardim semeado das mais lindas flores, embalsamado dos perfumes mais peregrinos; chamaram-Te Custódia de oiro fino, onde esteve encerrado, por nove meses, o Deus do Céu e da Terra; chamaram-Te a Mulher forte que pisou a cabeça do dragão infernal; chamaram-Te a Rainha dos Anjos, dos Homens, do Céu e da Terra...

Deixai-me, Senhora, porque o sois no sofrimento e na angústia, chamar-vos antes a Rainha dos Mártires... a Senhora do Sofrimento!...

Velut Mare contritio Tua...

Maria sofreu porque amou e o amor gera a dor e a dor é a mãe de todos os dramas, quer sejam dramas da miséria ou da doença, do amor ou da morte...

Nos seus olhos brilhou uma lágrima... E, como o fogo que espreita por uma janela, nos diz que já tomou conta de todo o edifício, também uma lágrima nos denuncia todo o sofrimento da Virgem.

Os últimos fumos do crepúsculo já cediam às

primeiras trevas da noite e esta desdobrava sobre o mundo o seu manto de trevas.

Será nas trevas da noite, dessa noite longa e terrível do sofrimento, que se vai consumir o drama angustiante das dores de Maria.

Nessa hora atormentadamente dolorosa em que chegaram aos seus ouvidos aqueles gemidos de angústia que reboaram aterradoramente nas quebradas do Jardim das Oliveiras e que, afinal, o seu coração de Mãe já tinha pressentido, continuara a dor a ser *companheira-irmã* da SS.ma Virgem.

E essa espada que se quisera unir em sponsais dolorosos com a SS.ma Virgem punziu-a nesses momentos de tragédia em que o Filho era atormentado injustamente por juizes iníquos e sem dignidade... cuspidos pela soldadesca romana... esbofeteado pelo povo ingrato... arrastado pelos servidores de Pilatos.

E essa dor, essa espada que feriu Jesus estava bem dentro do coração da Senhora — porque era Mãe. Mais uma vez a dor *companheira-irmã* da SS.ma Virgem.

Há uma Cruz pesada — a cruz dos pecados do mundo — que é necessário Jesus aguentar penosamente até ao cimo do Calvário.

A marcha lenta e triste vai começar.

Do Pretório de Pilatos ao cimo escarpado do Gólgota não vai mais de um quilómetro.

Jesus, exausto e cansado, aguenta o peso ingente da Cruz que a injustiça lhe colocara aos ombros.

E, numa das encruzilhadas do caminho, onde surgiam grupos de curiosos a contemplar o cortejo sinistro, aparece uma mulher. Não tem forças para articular uma palavra. A dor suprema imobilizou-a! Poema divino cantado nas lágrimas duma Mãe que sofre! Aqueles olhos contemplaram-se profundamente... E dos lábios ressequidos daquela mulher de dores saíram, num grito lancinante, estas palavras magoadas: «*MEU FILHO*». E uma voz enrouquecida conseguiu responder: «*MINHA MÃE*». E não disseram mais nada... Duas palavras tão simples mas que resumem um mundo de mistérios! Epopeia maravilhosa que canta em estrofes de sangue o poema de Deus e o drama do Homem!... No mistério daqueles olhos brilhava toda a angústia daqueles corações. Mãe, que deixa de o ser, para se transformar em Vítima. Vós sois, na verdade, a Senhora das Dores!

Mais alguns passos e Jesus chega finalmente ao Calvário. São quase três horas da tarde, dessa tarde triste de Sexta-feira Santa. O Sol esplende doirando todos os recantos da montanha. Os carrascos erguem o Mestre no suplício da Cruz. Entre o Céu e a Terra, entre dois ladrões, Jesus sofre a dor indescritível. O fel de todas as amarguras inunda o seu coração extravasando-se no coração de Maria.

A tragédia atinge o paroxismo!

O Sol, que até ali doirava todos os recantos da montanha, esconde-se e nega que seus raios de luz

iluminem por mais tempo aquela cena de tragédia. Um negrume estranho paira sobre o mundo; a terra geme cambaleando em seus fundamentos; o véu do Templo rasga-se a meio; e o mundo esturje ao som de um grito que Jesus solta no Calvário:

IN MANUS TUA... Nas Tuas mãos, ó Pai, entrego o meu Espírito!

Morreu... Aos pés da Cruz está a Virgem. De pé, como estátua firme do túmulo, triste, mais triste do que o goivo do cemitério, pálida, mais pálida do que a açucena do vale...

E a espada que sempre a acompanhou saiu, neste momento, do seu coração e este começou a sangrar... Imaginai o seu sofrer...

Apelo neste momento para todas vós que tendes no peito um coração de Mãe! Só vós sabereis ler e compreender esse drama como não há outro no mundo — porque só vós sabereis ler e compreender esse poema lindo da Mãe desolada que chora a morte do filho único...

As dores de Maria são tão grandes, são tão intensas e são tão profundas que o Profeta Jeremias ao procurar no mundo imagens para as representar só encontrou o mar: *VELUT MARE...* Contitio Tua...

De Belém ao Calvário não achareis uma alegria em sua vida que não seja envenenada pela dor.

Mas Senhora, vós sois a nossa Mãe, e todas as vossas dores culminaram na soledade do abandono... nós queremos mitigá-las com a nossa presença... nossos corações serão alâmpadas a consumirem-se diante do vosso altar.

Povo crente desta linda Terra, que nasceste sob o carinho da Senhora e foste embalado docemente no seu regaço de Mãe e em horas trágicas, baloiçado no mar da vida que tudo dá e tudo leva, tivestes a Senhora ao vosso lado;

Povo crente e todo o que o não sois, aos pés da Senhora das Dores ajoelhemos e rezemos... pelos que andam na labuta do trabalho, em ânsias doiradas de melhores dias... pelos que perderam a fé e andam à deriva no mar da vida... pelos que sofrem sem conforto, pelos que gemem sem esperança, pelos que caem sem remédio...

Ajoelhemos e rezemos de mãos postas... olhos na Senhora... ofereçamos-Lhe o mundo que agoniza estorcendo-se nos braços da miséria; o mundo da nossa alma roído pelo remorso de tantos crimes... o mundo moderno queimado nas labaredas da paixão, calcinado de tantos horrores de agonia. E que esses rios de lágrimas que lavram sulcos profundos de dor no rosto da humanidade se transformem em aleluias de Páscoa e em alegrias de Ressurreição.

Senhora das Dores, este mundo tem trevas de
secura, securas de crueldade, crueldades de ingra-
tidão, ingratidões de espinho, espinhos de sofrimento...
Aqui estamos Senhora, romeiros de Deus, com lágrি-
mas penitentes nos olhos, a pedir-Vos que a nossa
dor, semelhante à Vossa, prelibe a felicidade eterna...

Santa Senhora das Dores
Agasalha os pecadores
Agasalhando-os em teu manto...
Ensinai-lhes a virtude
De ter pão... de ter saúde...
Quando a vida é mar de pranto

Doce Mãe,
Olha os teus filhos
Pobres de Deus e cadilhos
Tão pobrezinhos de amores...
Entorna, por caridade
Sobre a pobre humanidade
O Cálix das Tuas Dores...

SERMÃO DO MANDATO

(Proferido na Sé de Braga)

MANDATUM NOVUM DO VOBIS, UT DILIGATIS INVICEM; SICUTI DILEXI VOS

S. João, XIII — 34

A figura de Cristo cintila no firmamento da História!

Nenhum homem impressionou o Mundo, pelos seus contrastes, como Jesus.

O seu nascimento, pobre e ao abandono, deixou perplexa a Humanidade.

O canto maravilhoso dos Anjos, nessa noite calma e fria de Belém, e o alvoroço dos Pastores, a que se viria juntar a fé dos Reis do Oriente, deixaram completamente destroçada a lógica dos que O temiam, e, ao mesmo tempo, O julgavam insignificante e anónimo!

A sua pregação, ao longo da Palestina, tem o condão de arrastar as multidões que tudo deixam para escutar palavras de vida eterna.

Os seus milagres, que se multiplicam no tempo e no espaço, assombam e deixam estupefactos todos os que se esforçam para não acreditar.

A sua morte na Cruz, nessa tarde triste de Sexta-feira Santa, com todos os sinais perturbantes da natureza, abalou, até às raízes, o Universo.

Mas nenhum momento da sua vida, anda tão ungido de ternura a de dramatismo, como este de Quinta-feira Santa. Não encontramos, nem mesmo em Sexta-feira Santa, último dia da sua vida terrena, tantas expressões de ternura, tantas manifestações de amor, como neste dia de Quinta-feira Santa.

Dia inolvidável, em que o coração do Pai, que tantas vezes se abriu às excelências da bondade, atinge o acúmen da generosidade e do anseio veemente de se comunicar, de se dar inteiramente aos filhinhos queridos.

Por isso, reúne uma Ceia amiga. Ajoelha-se diante de cada um, apesar dos protestos de alguns. Lava-lhes os pés. Beija-os carinhosamente e reparte com eles o pão que é o seu próprio corpo; partilha com eles o vinho que miraculosamente transubstanciou no seu próprio sangue.

E no meio deste circunstancialismo verdadeiramente emocionante, dá-lhes, em jeito de testamento, o Mandamento Novo, o Mandamento da Caridade.

Filhinhos, procurar-me-eis... mas não podereis, por agora, saber para onde eu vou. Dou-vos um Man-

damento Novo. Assim como eu vos amei, amai-vos vós também.

Mandatum novum do vobis; ut diligatis invicem sicuti dilexi vos.

São enormes, no seu significado, as palavras e as acções de Cristo nesta tarde de Quinta-feira Santa, mas, surpreende-me, pelo que é em si e pelos preparativos que o envolveu, o Mandamento Novo que o Senhor deu aos seus discípulos, à sua Igreja e ao Mundo.

Desse Mandamento Novo, com simplicidade e emoção, direi algumas palavras.

MANDATUM NOVUM DO VOBIS

Valia bem a pena, nesta hora solene, determo-nos a ler e meditar o capítulo XIII de S. João. Aí encontramos, pela primeira vez, a expressão FILHINHOS: Filioli, adhuc modicum vobiscum sum. Esta expressão, num ambiente tão denso de emoção e despedida, é deveras significativa. Parece, na interpretação lúcida de Bossuet, que Jesus queria dizer-lhes: |chegou o momento de vos tornar meninos. Passei a vida sofrendo por vós; é tempo de vos dar à luz. Será no amor mais puro que vos gerarei para a vida. Ouvi,

então, as minhas palavras: Amai-vos. Este, o Novo Mandamento.

Como é novo um mandamento que já fora preconizado na Lei Antiga? É que, o espírito em que foram gerados os cristãos é um espírito de amor e jamais um espírito de medo e de terror.

A lei nova conduz o homem a viver e a agir por amor. Acresce, ainda, que nunca, na Lei antiga, este preceito da Caridade tinha sido pregado e exemplificado como na nova Lei. Por isso, Cristo, dá um mandamento novo. Amai-vos como eu vos amei. Não é uma doutrina... é uma vida. Cristo não se limita a ensinar.

Antes concretiza, com a sua actuação, a doutrina que evangeliza. É muito difícil a lição do amor. Difícil de ensinar. Difícil de compreender. Por isso, Cristo *diz e faz*. Toda essa cena empolgante do «lava-pedes» não tem outro significado que não seja a exemplificação da caridade. É assim que os discípulos de Cristo devem fazer.

Cristo ama, sabendo que entre os que eram objecto dessa ternura, se anichava a traição. Amar como ele nos amou.

Amar os que nos esquecem; amar os que nos desprezam; amar os que nos odeiam.

Amar para tornar felizes os que se amam. Este amor é um amor de acção. Por isso, amar verdadeiramente é agir. A parábola da ovelha perdida,

que se tresmalhou do rebanho, que ficou pelo caminho, define bem o sentido actuante do amor. Deixa tudo.

Deixa no deserto as noventa e nove e vai aflito por toda a parte, por caminhos, serras e vales, à busca da que se perdera. Logo que a surpreende numa prega da montanha, toma-a carinhosamente aos ombros, acaricia-a e trá-la, de novo, para o aprisco. O encontro é motivo de festa e de alegria. Há mais alegria no Céu quando um pecador se converte do que quando 99 justos fazem penitência sem terem necessidade. Este, o verdadeiro sentido do amor de Cristo. Ir ao encontro dos irmãos para os trazer ao Reino de Deus. Todo o desinteresse pelos irmãos é fuga ao mandamento do Senhor. Por isso, não é o que formalmente se confessa religioso que o é de verdade.

O sacerdote e o levita eram os homens da Religião. Tinham lugar de relevo no templo. Eram os zeladores da Lei.

Entretanto, passam pelo homem que foi vítima dos ladrões. Ouvem-no gemer, com dores... vêem que sangra e que suplica... Mas, comodamente, egoisticamente passam ao largo e vão à sua vida.

Passa, porém, um Samaritano. Ouve. Vê... Com-padece-se. Toma o doente aos ombros. Leva-o a uma estalagem. Paga tudo...

Amar é dar. Quem não dá não ama. Mas dar é dar-se... Todos podemos dar... Não há caridade

se não repartirmos os bens, a cultura e o amor. O egoísmo mata e estiola.

Todo o homem é um tesouro que pode reparar-se com os outros.

Não é o mais rico de bens que possui o maior tesouro para dar. Todos podemos dar. Palavra de consolação em hora de amargura, vale mais do que todo o dinheiro da terra. Visita da caridade, quando a desdita nos lançou no abandono, tem valor inestimável. Conselho de orientação em momento de desvario, nunca teve preço mesmo no conceito dos homens mais agarrados aos bens terrenos. Por isso, é bem que sublinhemos a acção eminentemente benemérita da Caridade das Conferências, dos Infantários, dos Orfanatos, dos Asilos, das Creches e de tantas instituições que a Caridade Cristã gerou em seu seio fecundo.

Amar é dar. Dar o pão do corpo. Milhões de irmãos nossos morrem de fome, por esse mundo além... Quem lhes matará a fome?

Tive fome... tive sede, estava nu... disse Cristo. Tudo quanto fizeste ao mais pequenino dos meus irmãos, foi a mim que o fizeste.

Dar o pão do espírito. Ensinar a Verdade, espancar a dúvida, desfazer o erro. E quantos, por aí, a dizem-se cristãos e até ministros de Cristo, que semeiam a dúvida, deturpam a verdade, propagam a calúnia,

e implantam os erros na consciência dos ouvintes ou dos leitores?!

A Caridade de Cristo ama sem interesse. Por isso, é novo este mandamento. Não quer a verdadeira caridade saber se vai encontrar correspondência. Não quer que repiquem festivamente os sinos da publicidade, não quer retratos, nem estátuas, nem adjectivos pomposos. A Caridade traduz-se em obras de tal preço que o sacrifício lhes serve de base e tantas vezes de cúpula. A morte de Cristo pelos homens é a expressão mais alta e mais luminosa da Caridade.

Amar é dar e repartir. Quando os discípulos de Cristo, caminhavam para Emaús, abalados pela morte do Senhor, ouviam com alegria o companheiro que se lhes viera juntar na viagem, mas que eles não conseguiram reconhecer. Uma vez, porém, que se sentaram à mesa e o Companheiro *partilhou* com eles o pão, então sim, reconheceram que era Cristo que estava com eles.

Não é, pois, o que diz Senhor, Senhor, nem o que formalmente cumpre os preceitos da religião, que é verdadeiro discípulo de Cristo, mas, sim, o que ama, o que dá, o que se dá em amor. Este, sim, é meu discípulo. Só o que ama a Deus e ao próximo na linha realística de Cristo, só esse é que é verdadeiramente discípulo do Senhor.

Amar, é, finalmente, fazer a Vontade de Deus.

No Monte das Oliveiras, sopesando a cruz dos pecados dos homens, suando sangue, alquebrado e exausto, Cristo, levanta os olhos ao Céu, e diz: Pai, se é possível afasta de Mim este cálix de amargura... Mas não se faça a minha vontade. Faça-se, em tudo, a tua vontade, ó Pai. Isto é que é amor! Isto é Caridade!

Por que sois desleais uns para com os outros? Por que vos perseguis uns aos outros? Por que vos odiais?

Com que direito censurais o vosso próximo, se o não fazeis em nome da caridade? Com que direito se formam grupos para atacar a Igreja que Cristo fundou no amor? Com que direito se vergasta a hierarquia? Com que direito se semeiam discórdias? Com que direito se praticam vinganças?

Foi assim que o Mestre nos ensinou?

Sicuti dilexi vos... Amai-vos como eu vos amei.

Quem renuncia à Caridade, renuncia à fé; abjura do cristianismo; sai da Igreja de Cristo.

Tremei, pois, pecadores endurecidos no erro; tremei todos os que vos tornais implacáveis pela aversão; tremei os que não tendes coragem para perdoar; tremei os que vos mostrais inconciliáveis.

Vós não sois discípulos de Cristo; vós não sois cristãos; vós renunciastes ao vosso baptismo!

Por isso, neste dia e nesta hora de amor, perdoemo-nos e amemos como Cristo nos amou a nós.

Oiçamos e deixemo-nos penetrar destas palavras do Senhor: Mandatum Novum do vobis, ut diligatis invincem sicuti dilexi vos.

SERMÃO DO ENTERRO DO SENHOR

(Proferido na Sé de Braga)

Vivemos uma hora de trevas... O luto domina a vida... A dor e a saudade envolvem as almas... São cadenciados e lentos os passos da multidão... É de penumbra o ambiente que nos envolve... São tristes e são lancinantes os acordes e os gemidos da música...

Pisamos, ainda, o terreno em que se desenrolou a tragédia mais lancinante da História. Estamos no Calvário, onde as pedras estão ainda salpicadas de sangue. Aí, nesse lugar escaldado de desolação, misturam-se, em confusão ensurdecadora, os ódios, as injustiças, as vinganças, as iras, os despeitos e a inveja... com o amor, o arrependimento, a compaixão e a ternura mais generosa... Ali, nesse lugar patético, dominado de cruces abandonadas, estão os carrascos em número avassalante... Ali, também, enroscados no sofrimento, alguns dos que amavam o Justificado.

Ouviram-se, não há muito, trovões assustadores. Presenciaram-se relâmpagos fusilantes que iluminaram o véu do Templo a rasgar-se de meio a meio.

A Terra, em convulsão, revolveu-se e abriram-se estranhamente os túmulos e os mortos ressuscitaram. Perante este espectáculo impressionante, ouviu-se, do alto da Cruz, um grito: In manus tuas, Domine, comendo spiritum meum...

Morreu Jesus... Jesus morreu...

Aqui estamos todos de luto, a chorar a morte do nosso Redentor... Aqui estamos, numa rememoração de saudade, a tomar parte no enterro de Cristo... Aqui estamos, sobretudo, numa vivência de amor, a participar hoje, como há vinte séculos, nesse acontecimento estonteante e doloroso.

Diante do cadáver dum Rei a quem a História chamou grande, o orador sagrado, ao fazer-lhe o elogio fúnebre, começou por dizer: Só Deus é grande... Só Deus é grande!...

Diante deste túmulo e diante deste cadáver, apeteia-me, se não fora blasfemo, proclamar: Nem Deus é grande... Nem Deus é grande...

Mas não posso... mas não devo... Sinto-me assombrado perante tudo o que nos envolve... *Por um lado, o presente que sangrentamente nos dilacera... Por outro lado, o passado luminoso que nos assombra e nos deslumbra!...* A grandeza de Cristo é a tónica de toda a sua vida... é clarão aurifulgente na noite quase eterna da História... É sol rutilante no firmamento azulino do Universo...

A grandeza de Cristo emerge da sua humildade em Belém, da sua simplicidade em Nazaré, da sua generosidade ao longo dos caminhos e praças da Palestina, no convívio diário com as multidões ansiosas da sua palavra redentora... A sua grandeza não resplandece tão-somente nos momentos empolgantes e apoteóticos da sua vida apostólica. Assim pensariam os superficiais. A sua grandeza lucila *nos milagres* que assombram e convencem. *O cego* que vê, o *paralítico* que recupera os movimentos; os *famintos* que prodigiosamente vêem remultiplicado o pão que sacia; *as multidões* que estremecem diante do mar revolto, mas que, a um gesto de Cristo, se amaina como cordeiro manso e submisso; os mortos que reverterem à vida diante da palavra imperativa e onnipotente de Cristo...

São páginas rútilas de onde, como clarão impercível, esplende divinamente a grandeza de Cristo.

Mas esta grandeza sobressai, de um modo incomensurável, nos momentos árdus da sua Paixão e Morte.

É perante a DOR que o homem demonstra a grandeza do seu carácter.

Quando tudo na vida é mar de rosas... não custa viver... Quando tudo é amargura, injustiça e tumulto, aí, sim é que se mostra a grandeza do homem!

«Toda a vida de Cristo... foi uma cruz e martírio» Não pode haver definição mais perfeita da vida desse homem-Deus que hoje foi sepultado. Nessa Cruz e nesse martírio que constituíram a sua vida

resplandece, em eternas cintilações, toda a sua grandeza...

Cristo é grande, incomensuravelmente grande, nas horas dramáticas da sua Paixão, afrontando serenamente os vendavais da opressão e da injustiça.

A serenidade do Jardim das Oliveiras, quando Judas, de túnica roçagante, ao clarão sinistro dos archotes, com beijo de traição, o entregou ao poder dos inimigos... ao poder das trevas... Nessa hora que deveria ser de perturbação, Cristo, serenamente, o acarinha com o doce nome de amigo e se adianta para os algozes dizendo: «sou Eu... quem vós procurais»...

Ele é imensamente grande, quando o encontramos esmagado sob o peso da Cruz a Caminho do Calvário, suportando as situações mais dramáticas, desde a perseguição e a tortura na coluna dos sofrimentos e na coroa de espinhos, aos insultos e açoites perante a multidão. Grande, como ninguém, mesmo caindo ao longo do caminho e dando ocasião a que florescesse o sentimento da ternura e do amor, na gratidão corajosa da Verónica, na piedade e compaixão do Cirineu, no carinho e na ternura de Maria...

O escritor Montalembert afirmou: Se me fora dado encontrar-me com Cristo no mundo... queria tê-lo encontrado no caminho do Calvário. Aí é que resplandece toda a sua grandeza...»

Grandeza de Cristo no Calvário, nos estertores da agonia, nos repungimentos da alma em soledade,

nos paroxismos da morte violenta. Levantado entre o Céu e a Terra, apertando nas mãos os cravos que o suspendiam na cruz, Ele atingiu o extremo da grandeza, da grandeza que não tem dimensão porque ultrapassa toda a medida, *perdoando aos seus inimigos, prometendo o Paraíso ao arrependimento, dando-nos Maria por Mãe — o maior e mais terno tesouro que possuía; conformando-se inteiramente e por amor, com a Vontade do Pai: Nas tuas mãos entrego o meu espírito.*

Apetece-me recordar aqui o que Rousseau, o insuspeito Rosseau escreveu: *Se a vida e a morte de Sócrates foram a vida e a morte de um sábio... a vida e a morte de Cristo foram a vida e a morte de um Deus».*

Tinha razão a voz inspirada do maior biógrafo de Cristo quando disse:

«Passou pelo mundo a espalhar o bem...» Esta a expressão mais sublime da sua grandeza.

Sim, no alto da Cruz morreu, por amor dos homens, dos homens todos, o filho de Deus. No alto da Cruz expirou a vida de um Deus Redentor...

Agora sim, com toda a verdade posso proclamar: **SÓ DEUS É GRANDE! SÓ DEUS É GRANDE!**

Mas esse Deus feito homem vai hoje a enterrar. *Ficará sepultado no túmulo, como grão de trigo que só poderá nascer depois de ser enterrado; ficará no túmulo como semente que há-de desabrochar e florir em árvore da vida; ficará sepultado como momento do tempo que se transformará um dia em eterni-*

dade, como morte que dará origem à Vida e Ressurreição.

Foi preciso esta hora de luto para que se revelasse o amor de alguns que até aqui parecia estarem escondidos. Surgem generosamente nesta hora terrificante de abandono. A sua dedicação a Cristo estava escondida como perfume de violeta. Mas no fim da tarde sinistra desta tarde de Sexta-feira Santa, aparecem desasombradamente e vão pedir a Pilatos o cadáver de Cristo para carinhosamente lhe dar sepultura. Nicodemos, que certo dia tivera uma entrevista muito séria com Cristo sobre o problema da salvação e José de Arimateia que oferece o sepulcro e se faz acompanhar de perfumes raros para amortalhar o corpo do Senhor. Eram dois sinedritas, ricos e bons, conforme os definem os Evangelistas. Com todo o cuidado retiram Cristo da Cruz. Com redobrado carinho, ajudados por Maria e as piedosas mulheres, limpam o sangue das feridas e embalsamam de aloés e outras essências orientais o corpo do divino crucificado, e, todos juntos, por entre lágrimas e suspiros, conduzem amorosamente o corpo de Cristo ao túmulo.

É nesta hora de luto que o coração de Maria, o coração da Mãe, se sente mais angustiado. Naquele túmulo fica a razão de ser da sua vida. Naquele túmulo o seu filho e o seu Deus. Agora já não o tem. Nem vivo... nem morto... A pedra do sepulcro bateu cruelmente e fechou, na sombra da noite, a luz do

olhar de Maria. Tudo é silêncio! Tudo é tristeza!... Tudo é dor!... Lírios roxos, violetas tristes... goivos de saudade...

Quem poderá avaliar a dor daquela mulher, o tormento daquela Mãe?

Apelo para vós ó Mães... só vós sabereis ler e compreender aquele poema lindo da Mãe desolada que chora inconsolavelmente a morte do único filho...

Por isso, Senhora do Sofrimento, Senhora das Dores, Senhora da Soledade, aqui estamos convosco a chorar a morte de Cristo. Aqui estamos a pedir perdão dos nossos pecados que foram a causa do martírio do Senhor. Aqui estamos, em oração e lágrimas, alimentando a nossa fé e a nossa esperança, na gloriosa Ressurreição de Cristo.

E agora, Senhora das Dores, só nos resta, justamente convosco, chorar... rezar... sofrer..., e, confiadamente esperar a aleluia da Ressurreição!

SERMÃO DA SOLEDADE DE
NOSSA SENHORA

(Proferido na Sé de Braga)

EGO DERELICTA SUM SOLA

Baruch — IV, 12

Estou só!...

Acabo de pronunciar a palavra mais trágica, mais implacável, mais misteriosa e mais triste...

Foi uma pedra lançada bruscamente no silêncio profundo dum lago adormecido...

Foi um golpe cruel vibrado duramente sobre um ataúde...

Foi um grito plangente no descampado infinito dum deserto...

SÓ!

Ouvi este gemido! Ecoou no silêncio da minha alma!

De onde viria este lamento cruciante?...

Só uma mulher, a quem Deus dotou de tanta sensibilidade, era capaz de soltar tão amargo desabafo...

SÓ!

Presumo que só uma Mãe, a quem Deus depositou no coração tanta ternura, tanta poesia e tanta bondade, poderia, no auge da sua amargura, pronunciar, com toda a verdade, este eloquente gemido...

Só!

Acredito que só a Mulher das Dores, a Mãe de Deus, tão linda que a chamaram «cheia de graça», tão magoada que a coroaram de espinhos, era capaz de ter pronunciado estas palavras tão impressionantes e patéticas: *ego derelicta sum sola*. Só! Estou abandonada e só!

E olho... E vejo essa Mulher! E contemplo essa Mãe! E apetece-me chorar com a Virgem da Soledade...

À Sua volta só vejo *lírios* roxos e violetas destroçadas, martírios de tristeza e goivos de saudade. À sua volta, o manto negro da noite... o manto negro da sua amargura... À sua volta, cruzam-se caminhos ensanguentados...

O silêncio é mais profundo e inquietante... Há pequenas lucilações, que espelham no negrume acabrunhante desta noite de Soledade...

Maria, esmagada, exangue, lívida, desce o Calvário, amparada carinhosamente por João Evangelista e por algumas caridosas mulheres. Traz os ouvidos ensurdecidos pelos estremeções da Natureza, o coração esmagado pela dor que a martirizou quando o viu em agonia, quando o viu morto, quando o viu sepultar...

Quem saberá descrever a sua dor? Quem saberá contar o martírio da Senhora? Quem saberá penetrar na soledade de Maria?

Um artista helénico, tocado de fulgurações de génio, talhou no mármore branco uma Mãe desolada com duas filhas mortas aos seus pés... E, quando chegou o momento de modelar a cabeça e o rosto macerado dessa mãe, o artista, sentindo-se incapaz, lançou para longe o cinzel e o escopro, e, sobre a estátua inacabada, em que se tornava impossível expressar aquela dor, lançou um véu escuro... e fugiu, desolado e triste...

Meus Senhores:

Maria é essa estátua vivente da dor! Apetecia-me, também, nesta hora lancinante de soledade, lançar sobre o seu rosto angustiado, este manto negro que a ocultasse a tanto sofrimento... Mãe de dor!

Nela, o arco-íris das sete dores, das sete espadas dilacerantes:

No Templo, é o punhal do Profeta que lhe atravessa a alma...

No exílio... é o fel amargo da perseguição...

No Cimo do Calvário, junto à Cruz, de pé como estátua do túmulo, pálida como açucena do vale, triste, mais triste do que o goivo do cemitério...

Que bem A entreviu o Profeta das Lamentações! A sua alma estremeceu de medo e foi, desvairadamente, pelo mundo cantando a sua dor. Como a viste, Profeta?

«Tinha um rosto lindo, mas magoado, uns olhos de estrelas, mas arrasados de lágrimas e seus cabelos desgrenhados davam-lhe uma expressão de incomensurável martírio...»

À sua volta, tudo era silêncio e sombras... E que fazia? Plorabat... Chorava... Lágrimas que destilavam o fel mais amargo...

E eu quis consolá-la! Mas não havia consolação possível...

A sua dor é imensa... Ardia-lhe a alma em angústia...

Apagaram-se, naquela tarde de saudades, uns olhos... Eram toda a sua luz... Escurece-se-lhe uma manhã de auroras felizes ...Era toda a sua vida... Morreu-lhe o Filho... filho único... filho que era o seu Deus!

Tudo para Ela é noite!

As recordações são noite... As estrelas são noite... Os zumbidos da natureza são noite...

E as lágrimas, como sangue redentor, corriam em fio...

Lembro as palavras impressionantes *de um pai quando acompanhava ao cemitério o cadáver do filho: Vêdes esse ataúde? É a minha vida, é o meu coração que vai ali»...* No silêncio frio do túmulo está a vida de Maria. Ali está o coração da Mãe!

No Livro dos Reis, descreve-se a dor de *David quando lhe anunciaram a morte do príncipe Abner*. David sentiu tanto a sua morte que decretou *luto nacional*,

mandou que todo o exército vestisse de luto, e com ele acompanhasse ao cemitério o cadáver do príncipe. Profundamente impressionado, conseguiu conter as lágrimas. Mas quando o viu sepultar, diz o texto sagrado, que David não se conteve e começou a chorar convulsivamente...

Maria está debruçada sobre o túmulo do Filho...

Deixai-a chorar... As lágrimas são um desabafo e uma consolação. Por elas se filtra a amargura e resplandece o amor...

Só vós, ó Mães, sabereis compreender, em todo o seu significado, este poema lindo, este poema ardente de Maria, chorando a morte do seu Jesus. É tão doloroso o seu martírio que nem me apetece chamar-lhe Maria. Este nome lembra alegria, perfume e flores. E a Virgem está esmagada pela dor. Quero, antes, chamar-lhe Mara, amarga, porque a tocaram, nesta hora de trevas, todos os sintomas da morte. A tua dor, ó Senhora, é semelhante ao Mar... profunda... amarga... imensa... A Mãe do Omnipotente triturou-te com a tribulação e a agonia.

Permiti, Senhora, que, se puder, me afaste um pouco do vosso martírio... Lembrá-lo, falar-vos dele, é renová-lo no seu dramatismo pungente... Deixai-me alongar os olhos pela História...

Há soledades que espantam, há dores que impressionam...

Os que morrem de fome... Milhões de seres humanos que perecem de fome à míngua de pão... Dramas da miséria e da fome, dos que não têm casa nem família. Página dolorosa e sombria...

Há dores morais e intelectuais que dilaceram e torturam como espinhos agudos. A busca da verdade, por entre o negrume perturbante da dúvida e da confusão, ficou assinalada na história da humanidade em páginas escritas pelo sangue...

Há dores que a calúnia, a perseguição e a injustiça geraram para crucificar o homem, ao lado das que nasceram da ingratidão... Todas elas dilaceram como punhais...

Perturba-nos a soledade dos pais que perderam os filhos para sempre ou a soledade dos filhos cobertos pelo estigma lancinante da orfandade... Impressiona-nos a soledade amarga do desterrado ou do encarcerado, bebendo o fel da amargura, do abandono e da morte. Esmaga-nos a soledade dos que parecem possuir tudo na vida, mas a quem falta a paz de Deus... Rebrilham as grandezas nos festins, sorvendo o prazer por taças cristalinas, mas a alma está desfeita em pranto... Sobre o peito... cruces de ouro que podem ter o mesmo peso das de ferro...

Mas que é tudo isto comparado com a soledade perturbadora de Maria? *Não há no mundo, nem na história, nem sequer na lenda, um exemplo tão impressionante-*

mente doloroso como o que nos dá a Virgem na sua soledade!
A quem comparar a sua dor?

Andaram os filósofos, na desfilada dos séculos, à busca da razão do sofrimento. Quantas teorias, quantas explicações, quantas tentativas... Parece que, na medida em que se pretendeu eliminar a dor, ela se tornou tragicamente mais viva e palpitante. Porque sofre Maria?

Não seja eu a dizê-lo, senão o coração angustiado das Mães.

Sim, Ela sofre porque é Mãe e perdeu o seu filho...

A sua vida é, na verdade, um rosário de amarguras...

De Belém ao Calvário, toda a sua vida anda unguida de sofrimento.

Até as horas cantantes do triunfo, cobre-as o manto denso das palavras de Semeão. Palavras que foram espada cravada no coração de Maria... *Como poderá ter alegria uma mãe a quem revelaram o martírio do Filho?*... Quando se engolfa na delícia dessas horas de triunfo e aclamações, logo lhe vem ao pensamento a voz sinistra do sofrimento... Por isso, estes momentos, longos como o sofrimento, ardentes como o fogo e negros como o desterro, são feitos de recordações amargurantes...

Lembra as horas de Belém... de Nazaré... do Egipto... A Soledade é momento cruciante de recordações... As mães guardam com ternura os objectos

que pertenceram aos filhos arrebatados pela morte. Esses objectos são recordações que as fazem sofrer deliciosamente... Sim, as mães sentem a delícia da dor quando ela lhes recorda os filhos estremecidos. Esta a sua missão. Para sentirem as alegrias da maternidade foi preciso contorcerem-se nos braços cruéis do sofrimento... Para que a terra dê frutos é preciso rasgá-la com o arado... Para que nasça a planta, o fruto, a flor, é preciso que a semente apodreça no seio da terra...

As Mães amam o sofrimento que lhes vem recordar os filhos que tanto estremeceram.

Ela, a Mãe paradigma, aí está, enrodilhada na sua dor, a viver de recordações excruciantes... Tem presente esses momentos ditosas da pregação de Jesus por terras palestinianas, ao cair blandicioso da tarde... Recorda os milagres... A cura dos doentes, a recuperação dos paralíticos, a ressurreição dos mortos... Baloiçam-lhe na imaginação as águas cristalinas de Tiberiades, cravejadas pelo brilho sereno das estrelas, onde desliza placidamente a barca do Mestre... Circundam-lhe a fantasia as imagens opulentas das florestas orientais carregadas de perfumes silvestres... Tudo lhe invade a fantasia em delírio... E é mais amarga, mais torturante, mais desoladora esta velada de Soledade... Sum Sola... Estou só!

Tudo lhe invade a fantasia, neste momento sem fim, da sua dor.

O Jardim das Oliveiras, a figura de Judas, atravessando a floresta à luz de archotes, de túnica roçagante nas pedras do caminho, Judas o Apóstolo traidor que vai escrever o prefácio desse livro negro das traições da humanidade.

Como a fere, nesta hora de Soledade, aquele beijo cínico e traiçoeiro, os impropérios sofridos por Jesus, de tribunal em tribunal, a condenação à morte, a dolorosa peregrinação até ao Calvário. Tudo lhe vem ao pensamento agora...

Ouve, neste silêncio em que lhe mergulha a alma, a água cantante do chafariz fronteiro ao Pretório de Pilatos e vê nitidamente as pedras ensanguentadas pela passagem penitente de Cristo. Recordam-lhe, em turbilhão, os martírios do Calvário... Lugar de terror, que guarda as angústias de tantos condenados...

Repara e vê a Cruz abandonada... chorando a morte do que se lhe unira em sponsais de sofrimento. Tudo lhe aflige a alma!

Há um vazio profundo no seu coração. E, de repente, sai daquela letargia e grita angustiadamente: onde está o meu filho? Onde está o meu Jesus? Pobre Mãe!

Nem vivo! Nem morto! Está sepultado!

Deixai-me, Ó Mãe, nesta hora de transe, saudar-vos com as palavras dulcificantes do Anjo da Anunciação: «Ave, cheia de graça».

Perdeste o teu Filho? Aqui estamos, Senhora, para vos consolar.

Somos vossos filhos, gerados nas amarguras torturantes do Calvário. Queremos consolar-vos. Não temos, é certo, a inocência das filhas de Sião, mas temos as lágrimas penitentes das Madalenas de Jerusalém. Aqui estamos, Senhora da Soledade, para chorar convosco a perda do nosso Jesus. Nós fomos a causa das vossas dores porque fomos a razão da morte de Jesus.

Queremos, acompanhar-vos, sofrer também, nesta hora dolorosa de infinita saudade.

Senhora da Soledade, sede connosco na vida...
Senhora da Soledade, sede connosco na morte...
Senhora da Soledade, sede connosco no Céu!

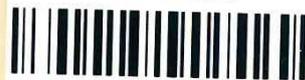
ÍNDICE

	PÁGS.
A ORATÓRIA AO LONGO DOS TEMPOS... . . .	5
SERMÃO DAS SETE PALAVRAS.	11
SERMÃO DE NOSSA SENHORA DAS DORES. . .	37
SERMÃO DO MANDATO	57
SERMÃO DO ENTERRO DO SENHOR	69
SERMÃO DA SOLEDADE DE NOSSA SENHORA	79

lenidade inesquecível, em 21 de Outubro de 1979, foi investido nesta dignidade, sendo, pela Câmara Municipal, considerado Cidadão Honorário de Barcelos.

Publicou em 1953 DEBRUÇADO SOBRE O EVANGELHO; em 1954 O PROBLEMA DO HOMEM E A REALIDADE DIVINA, de que em 1962 saiu a segunda edição; em 1956, NOVENA DA SENHORA DA FRANQUEIRA; em 1960 SONHO E CERTEZA (discurso), UM SONHO... UMA VIDA... UMA PRESENÇA (conferência) e PALAVRAS DE SAUDADE (discurso fúnebre da Rainha D. Amélia); em 1964, OS BURROS NA ETNOGRAFIA; em 1965, BRILHANDO AO SOL DA JUSTIÇA (evocação do POETA BOCAGE); em 1973, Elogio Fúnebre do Comendador António Maria Santos da Cunha; em 1977 SEMENTES DE ESPERANÇA de que em 1978 saiu a segunda edição; em 1979 NOVAS SEMENTES DE ESPERANÇA; em 1980, ÚLTIMAS SEMENTES DE ESPERANÇA; em 1981, 3.^a edição de O PROBLEMA DO HOMEM E A REALIDADE DIVINA.

biblioteca
municipal
barcelos



10569

5 sermões